

HOMOSSEXUALIDADE E A CONSTITUIÇÃO DO MUNDO MIX

KELLEN CRISTINA MARÇAL DE CASTRO.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

O resultado deste artigo se deve do trabalho realizado com o apoio do CNPQ -Pibic onde foi desenvolvido um projeto de iniciação científica durante um ano, sob a orientação da Prof. Dra. Karla Adriana Martins Bessa. Nesta pesquisa buscamos retratar a existência de um universo homossexual sobre o viés da indústria cinematográfica. A partir dela encaminhamos um estudo balizado nas análises aqui detalhadas.

O mundo mix pressupõem a convivência de diversas performances de gênero, partindo da lésbica, drag-queen, transsexuais, à casais homossexuais e heterossexuais. Inaugurando a partir da marginalização e discriminação em grande escala pela sociedade, a formação de guetos ou nichos autofágicos de homossexuais masculinos de um lado e femininos de outro. Essa constituição deste espaço ganhou maior visibilidade nas grandes metrópoles, onde apareceram vozes dissonantes no interior do sexismo identitário criando lugar ao “meio-termo”, ou seja, freqüentadores do universo gay, mas não são necessariamente militantes ou assumidos. Estes têm como preocupação forjar uma nova ética e estética da existência sexual, criando um espaço de sociabilidade entre pessoas amigas e interlocutoras destas identidades. Esta mudança instigou um comportamento diferenciado pela mídia (internet, revista e flyers), que passou a designar este seletor público pela sigla GLS - gays, lésbicas e simpatizantes.

A inserção destes locais (boates, bares, saunas) fez gerar um movimento e a produção de uma cultura mais atenta à convivência das diferenças. Mas não podemos esquecer que as questões jurídicas (como casamentos, paternidades e maternidades de casais homossexuais, cirurgias estéticas, liberdade de expressão - gestos e manifestações de carinho), são problemas a serem pensados pela sociedade como um todo, e é encarada como uma barreira intransponível a ser superada pelos homossexuais.

A cena mix é característica da urbanidade atual que converge para si novas linguagens e manifestações artístico-culturais iniciando comportamentos e atitudes que fogem à “ditadura do heterossexual”. Tendo a homossexualidade permeado a história da humanidade, o que se constatou foi a alternância dos “papéis”, conforme os ditames da sociedade.

Mas este espaço vem sendo conquistado dia após dia, com uma maior visibilidade e aceitação de uma parcela da população, que vem se mostrando mais tolerante à diversidade sexual. Sendo assim vivenciamos a sinalização de uma etapa na concretização e na naturalização de novas identidades sociais. Sabemos que a história é permeada de situações de continuidades, mudanças e algumas transformações alicerçadas em políticas sociais e econômicas, desta maneira a história dos homossexuais, é regada a contravenções e regras implícitas ou explícitas que os governaram.

Desta forma os homossexuais conseguiram criar uma solidariedade entre seus pares, baseados em preocupações e gostos compartilhados: mas não é marcada por ausências de tensões internas como brigas por ciúmes e posturas divergentes. Mas esta capacidade de solidariedade revela criatividade nas formas de produção de prazer, pois estavam rodeados pela hostilidade.

A partir de 1980 e 1990 surge uma produção de vídeos voltados a representação de imagens que apresentasse o mundo homossexual nas suas diversas situações, criando uma indústria cinematográfica. Estas produções vão proporcionar uma maior visibilidade de costumes, gestos, modos, comportamentos que não estão destoando dos nossos, mas que remetem estereótipos que simbolizam a ambigüidade sexual.

A existência desta identidade homoerótica caminha por uma situação pendular que vai do riso escachado a violência física, assim sua constituição sempre foi norteadada pela diáde da tolerância/repressão e aceitação/ostracismo que marcam a cultura homossexual.

Mas estes paradoxos se devem à necessidade imposta pelos parâmetros normativos do poder, que julgam ser inapropriados traços comportamentais homossexuais, pois vão contra a ideologia burguesa de famílias baseadas na heterossexualidade. Esta classe dominante apropria-se do sistema de gênero hierarquicamente estruturado, na posição binária espelhada entre homem X mulher. Esta categoria de gênero nutre-se nas diferenças anatômicas conhecidas, que se transforma e ganham legitimidade através da linguagem social e cultural construídas para dar subsídios ao poder instituído.

Sendo este sistema sexual de gênero operante e dominante que molda a percepção e a construção da homossexualidade pela sociedade. Subjugando os indivíduos a um processo de submissão as normas de comportamentos, pois a ideologia do capital tende a codificar as relações adaptando socialmente todos a produção, desde suas escolhas ao lugar ocupado na sociedade. Forjou e incutiu uma suposta normalidade sexual (a maneira como fazer amor, como se sentir homem ou mulher e como manifestar seus sentimentos), baseados na utilidade em que se incorpora o sexismo.

Havendo a incorporação do discurso de que o “normal” é natural e a relação entre sexos diferentes, porque possibilita a procriação da espécie. E toda relação que fuja a este modelo é encarada como subversiva a ordem e anormal aos parâmetros, gerando na homossexualidade um

fenômeno recente a nós: a homofobia. Estes seriam o perigo social circulante que precisava ser controlado ou explicado cientificamente, pois fugia as regras postas. Por que os homossexuais representam a liberação sexual que implicaria na destruição dos tipos de repressão em que se baseiam as sociedades atuais, e a busca do poder é enquadrá-los como desertores que estão à parte. Na medida que a defesa da norma conduz a exclusão e condenação dos ditos inadaptados.

Desta forma surgem vários estudos que vão guiar e buscar uma melhor explicação da homossexualidade, transferindo o debate do âmbito legal, religioso, moral até chegar num estudo antropológico.

A saída encontrada para facilitar sua expressão revela uma apropriação do espaço urbano, ocupando áreas públicas supostas da esfera tradicional da vida social, os homossexuais vão buscando caminhos ou brechas cedidas ou não, pela sociedade na tentativa de sua legitimidade. Mas a acessibilidade maior ao espaço público gerou o seu avesso, pois houve uma certa recusa, que propiciou a criação de uma contra-casa, o espaço privado para poderem interagir livremente e manifestar suas fantasias. Pois a rua oferecia varias oportunidades para o espaço de sociabilização, mas eram geralmente lugares em que se desenvolviam atividades ilícitas.

Surgindo a figura do cinema como eixo central para a propagação das atividades encobertas, sendo também uma das formas mais populares de entretenimento. E posteriormente cresce o número de bares e boates para este seletto público ampliando a vida noturna. Assim florescia uma subcultura homossexual aonde prevalece laço de solidariedade mútuo entre seus iguais, funcionando muitos como uma família alternativa para enfrentarem as adversidades sociais a qual sofriam, reforçando a identidade entre eles.

Dentro deste mundo mix que se desenvolvia havia toda uma socialização pautada em seus códigos, gírias, concepções e idéias homossexuais, no qual há um idioma particular entre seus pares a fim de empregar uma linguagem codificada. Assim os lugares consagravam idéias e escolhas de uma determinada classe, mas agora não representam espaços só entre os homossexuais, são locais sofisticados que atraem a todos que simpatizam.

Além dos locais destinados a este seletto público, o que percebi em minha pesquisa, foi uma produção de vídeos que tem como norte central a discussão do universo homossexual, bem como posturas, experiências diversas, sofrimentos, angústias e desejos que permeiam o dia a dia. Escolhi trabalhar com a iconografia cinematográfica dentre outras, porque é um meio de comunicação de fácil acesso, mas também é um veículo que busca retratar visualmente como se efetiva as relações homossexuais.

Assim busquei examinar alguns filmes que foram forjados no contexto da sociedade em 1990, justamente para refletir a perspectiva e as ramificações captadas pelo imaginário homoerótico, e trazer um pouco das discussões que os mesmos estão envoltos. Pois não podemos

negar que a representação vem adquirindo um novo tom na mídia, e partindo deste pressuposto pretendo trabalhar com dois filmes que nos remeta a dois momentos distintos, verificando quais as conotações relativas a questão homossexual, bem como quais elementos vão sendo figurados. O primeiro filme remete ao começo da década de 90 e o outro foi desenvolvido um tempo depois, esta escolha possibilita analisar e inferir as possíveis dicotomias existencialistas, como os avanços e retrocessos que vem sofrendo ao longo de suas trajetória.

O cinema é um lugar privilegiado para a atuação de diversas vertentes sociais que pretendem introduzir lócus para sua representação, surgindo grandes diretores e atores que vão encarar temas ainda considerados tabus na sociedade.

O filme Eduardo II vem de encontro ao nosso trabalho, pois foi produzido em 1991 sob a direção de Derek Jarman, tendo como foco principal a homossexualidade masculina, balizada por um drama histórico que envolvia na sociedade a disputa entre o poder, gerando a concomitância do desejo pelo outro e o desejo pela ambição. Este filme nos introduz o meio no qual o rei Eduardo II se apaixona por um homem e quer viver ao seu lado, mas sua posição social não lhe permite frente às obrigações e os laços de compromissos estabelecidos com aqueles que o cercam. Dentro desta história verificamos um jogo político marcado pelo medo do escândalo de que se torne público a relação homossexual de uma figura importante e a rejeição por parte da sociedade, todo o filme é marcado pela discriminação da sociedade frente sua relação homoerótica.

Relata visualmente a ambição e a vingança da classe que detêm o poder e o sustenta, sendo permitido apenas o parâmetro por ela estabelecido, qualquer desvio de comportamento deve ser julgado, analisado e corrigido a tempo de sua disseminação.

Há coexistência dos elementos constituintes da sociedade burguesa, como a presença do Estado Absolutista como agenciador, da Igreja dando respaldo ao pecado e o condenando segundo os escritos da bíblia, aparece a figura do exército como meio de impor a ordem natural da sociedade, a mulher adúltera que entrega o marido pelo poder.

Mas o efeito implícito deste filme é a analogia que o diretor faz entre o homem e os animais, buscado comparar toda a irracionalidade da sociedade, que se torna mordaz ao reprimir, inibir, coagir e espancar até a morte. A relação amorosa entre os dois (Eduardo II e Gaveston), embora negligenciada pela corte real e pela Igreja, está latente no meio social, e principalmente porque não escolhe cor, raça, credo ou posição econômica, sendo ameaçadora porque pode acontecer com qualquer membro daquela sociedade.

Outro efeito que o diretor produz vem das imagens sempre sombrias sem definição centrando em um único personagem que se encontra desolado e no dilema entre o poder versus o amor, mas a relação com o jogo das imagens é a metáfora do reflexo que grande parte da sociedade tem do homossexualismo. Como se fosse uma doença incurável que levasse a pessoa à mais

humilhante situação, o sombrio reflete a nuvem que paira frente as pessoas que resolvem encarar a relação publicamente.

Quanto à constituição das imagens serem focalizadas em apenas um ou dois personagens, é justamente porque este tema se torna o foco de discussão e os homossexuais passam a ser excluídos e rejeitados por aqueles que estão a sua volta.

Outro filme emblemático que também discute as relações do universo homossexual é O Amor Não Ordinário, dirigido e escrito por Doug Witkins num outro momento, lançado em 1995 onde já havia maior aceitação e divulgação destes filmes homossexuais.

Este filme envolve um drama meio policial que busca retrata uma história marcada por intrigas, morte, confusão, luxúria e traição. Ao combinar em si uma mistura entre homossexuais e bissexuais, alguns se afirmando outros se rejeitando e vivendo uma luta interna na construção de uma identidade sexual.

Em torno de quatro colegas que dividem um mesmo espaço o filme traz a tona a constituição do meio homossexual que passa desde o preconceito da sociedade como o próprio preconceito de seus iguais. Vem mostrando como se desenvolvem as relações entre eles, os possíveis motivos que levam aqueles garotos à homossexualidade e o universo conturbado ao qual pertencem e experimentam.

Há no mesmo âmbito relações de homossexuais assim como de bissexuais, circunscritas num drama envolvendo um roubo que gera as mortes. Dentro desta teia conflituosa de sentimentos e indefinições surge o ciúme entre eles que provocará a destruição de dois personagens.

Há concomitantemente a existência de um jovem definindo sua preferência sexual, após a morte de seu namorado, no qual começa a se envolver com uma garota até provar para si mesmo sua homossexualidade. Enquanto que do outro lado surge uma relação complicada entre um garoto e seu amigo que diz ser heterossexual, desenvolvendo uma rejeição e resistência em aceitar que está inserido naquele universo.

Este filme procurou de forma ampla discutir temas como as minorias discriminadas, o preconceito da mãe de um dos rapazes que fingiu não saber de sua homossexualidade(enquanto ele esconde da mãe sua preferência sexual, pois ainda e sustentado por ela), como trata da questão do uso da camisinha nas relações tentando desconstruir o mito de que a aids foi uma doença que se proliferou no meio homossexual, mostra de forma clara leituras que esclareçam sobre o que seja o universo homossexual; como são vistos pela sociedade e principalmente pela polícia que os encara como suspeitos e marginalizados, e como eles possuem o medo estando a todo momento explicando e justificando o modo como vivem e o por que da decisão em ser homossexual; retrata que alguns deste meninos que estão desenvolvendo relações com pessoas do mesmo sexo são reflexos de uma má constituição familiar onde não tem laços afetivos que os identifiquem.

Há um campo vasto de discussões levantadas pelo diretor que tratou de qualificar algumas formas para dar vazão ao universo que se formou com seus impasses, disputas, iniciação, aceitação e repulsa as relações homo, porém ao padronizar e tentar passar a imagem de que todos os homossexuais são decorrentes de problemas de cunho familiar – órfãos, mãe viciada ou prostituta, criação sem pai – e que isto acarretaria diretamente na escolha e na preferência sexual como subterfúgio à realidade existente, pecou duplamente. Pois não há como dicotomizar e relacionar dentro de um único parâmetro a homossexualidade como tendo uma essência, nem ao menos sabemos se existe uma, há diversos estudos que tentem abarcar e solucionar este impasse, na tentativa de buscar respostas que contemplem a sociedade. Mas o que filme deixa a desejar é no tratamento dado à homossexualidade como sendo uma espécie de doença psicossomática e não uma questão de estilo de vida e de visão de vida.

Portanto estes dois filmes fazem parte de uma série que discute os limites entre o sexo e a afetividade dentro das relações estabelecidas no mundo mix, mas não podemos afirmar que estão engajados em mostrar a recuperação de personagens homossexuais para heterossexuais. Procuram como finalidade perpassar como eles se utilizam das brechas deixadas pela sociedade para expressar seus sentimentos como qualquer pessoa, como ocultam sua identidade para que não sofram com o preconceito que está sujeito a todo instante, seja no trabalho, em casa ou na rua sempre convivem com a curiosidade de um lado e a discriminação do outro.

Desta forma o cinema não tem a pretensão de modificar a matéria em si, mas desencadeia possibilidades de mudanças no tempo e no espaço no qual estão inseridos.